

PACIFIC - O TEMPO DA IMAGEM E SEUS DOCUMENTOS
PACIFIC - THE TIME OF THE IMAGE AND ITS DOCUMENTS

Sabrina Tenorio Luna¹

RESUMO: Pacific (Dir. Marcelo Pedroso, 2009, 71') foi realizado a partir de imagens digitais cedidas por passageiros do navio homônimo. Euforia, excesso e celebração marcam aquele momento. Como pensar o filme quinze anos depois?

Palavras-chave: Imagens digitais, Documentário, Excesso, Found Footage

ABSTRACT: Pacific (Dir. Marcelo Pedroso, 2009, 71') was made from digital images provided by passengers on the ship of the same name. Euphoria, excess and celebration marked that moment. How can we think about the film fifteen years later?

Keywords: Digital images, Documentary, Excess, Found Footage

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco, com doutorado sanduíche realizado na Universidade Livre de Berlim como bolsista da Capes. Professora adjunta da graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil. Email: sabrinateluna@gmail.com

- Cadê?
- Ali, ali, ali.
- Vi, vi.
- Tá ali, olha, olha eles ali!
- Pulando ali!
- Filme!
- Calma! Eles tão lá na ponta, do outro lado.
- Ó ali, não, não, não.
- Eita! Agora valeu!
- Olha, eu esperei cinquenta anos pra ver isso!
- Eita, um monte!
- Olha praí! Vai tirando foto, Rony!
- (...)
- Valeu!
- Agora, sim, eu já ia pedir o meu dinheiro de volta!
- Filmou ele?
- Filmei, lógico!

O diálogo acima é ilustrado por imagens digitais amadoras realizadas por turistas presentes no navio Pacific. O documentário homônimo², dirigido em 2009 por Marcelo Pedroso, foi montado inteiramente a partir de imagens cedidas por pessoas presentes do cruzeiro. O filme mostra a rotina dos passageiros do navio que, entre outros pontos do nordeste brasileiro, aportaria por dois dias na Ilha de Fernando de Noronha.

A cena transcrita é acompanhada por imagens que mostram o momento em que os passageiros finalmente viram os golfinhos anunciados como atração turística. Com isso, o dinheiro investido se justifica: registrado, o momento se expande e a prova disso poderia ser conferida pelos que ficaram de fora do passeio. Familiares, amigos e nós, o público, que temos acesso a esses momentos através do filme.

Quando a cena termina, somos informados que em dezembro de 2008, uma equipe de pesquisa participou de viagens a bordo do cruzeiro Pacific. No navio, a produção identificou

² Disponível em: <https://embaubaplay.com/catalogo/pacific/>

passageiros que estavam filmando a viagem, sem realizar qualquer tipo de contato com eles. Ao fim do percurso, eles foram abordados pela equipe e convidados a ceder suas imagens para um documentário. O diretor não se encontrava presente no navio. Muitos aceitaram a proposta e tornaram possível a realização do filme.

Pacific debate o papel da imagem técnica no mundo contemporâneo. Reflete sobre a onipresença da imagem e sobre o registro do evento vivido como parte imperativa do viver. Registro, que em si mesmo atesta a experiência vivida.

O filme foi exibido em diversos festivais e teve um projeto de distribuição de quatro frentes, contando com exposições comerciais em cinemas de pelo menos nove cidades brasileiras, distribuição de DVDs gratuitos pela revista Continente, publicação pernambucana dedicada ao debate cultural, distribuição de DVDs e material pedagógico para aproximadamente mil escolas e cineclubes e criação de um site onde o filme poderia ser baixado gratuitamente por qualquer pessoa que tivesse interesse em assisti-lo, além de disponibilização no Youtube. Tal projeto, tinha como objetivo devolver para a comunidade um filme realizado com investimento público.

Pacific também ocupa um lugar importante no documentário brasileiro. Ele utiliza-se de técnicas sofisticadas que transformam o documentário não apenas em uma mera transposição do real para a tela, mas antes em uma ferramenta de reflexão sobre o mundo ao redor.

Ao assistirmos Pacific, percebemos que a imagem utilizada é colocada constantemente em questão pelo realizador. Na primeira cena, as câmeras fotográficas e os seus flashes são tão presentes quanto os golfinhos filmados. Pacific, dessa forma, coloca a questão do exibicionismo através da imagem em relevo, entrando em um debate que só viria a crescer nos anos seguintes e que resolvemos retomar quinze anos depois, através da presente resenha.

Em 2008, a qualidade da imagem captada por câmeras digitais amadoras era muito superior à registrada por aparelhos de celular. Os *smartphones* ainda não apresentavam a popularidade e sofisticação que viria a ser desenvolvida nos anos seguintes e que pode ser percebida nos dias atuais. As câmeras digitais se encontravam em um processo de disseminação que viria a modificar o status da imagem, sendo também em breve substituídas.

Com o passar do tempo, não apenas a qualidade da imagem amadora se modifica, mas também o acesso a ela. Se em Pacific o registro aparece como justificativa da experiência, atualmente o compartilhamento da imagem se sobrepõe à sua guarda. Isso vem sendo facilitado pelo amplo acesso a *smartphones* por grande parte da população e também por aplicativos e redes sociais que estimulam o compartilhamento instantâneo dos registros. Ao serem captadas, as imagens que compõem Pacific tinham como objetivo principal a fruição privada, restrita a círculos próximos de amigos e familiares. Isso vem mudando desde então de forma cada vez mais rápida, aumentando a profusão da imagem, a sua dupla espacialidade entre o público e o privado e também a sua obsolescência.

Em outubro de 2010 o aplicativo Instagram foi lançado para usuários de iOS, tecnologia móvel desenvolvida pela Apple. A rede social, de formato mobile, se destacou por possibilitar aos seus usuários a aplicação de filtros nas imagens e pelo seu compartilhamento em redes sociais, que até então eram dedicadas primariamente ao desktop, tais como o Facebook e o Twitter. Em abril de 2012 o Instagram foi lançado também para celulares Android, aumentando o seu alcance. O seu foco principal era as fotografias. Com o uso do aplicativo, imagens ordinárias passaram a receber retoques que transformavam o material em algo mais sofisticado do que as imagens que vemos no documentário. As imagens de baixa qualidade que vemos em Pacific, cederiam espaço a imagens editadas no momento do compartilhamento e dessa forma, a prática amadora ganha um aspecto profissional. A partir de 2013, o aplicativo expandiu o seu foco, além de fotos, os usuários podiam também compartilhar vídeos de até 60 segundos.

As estéticas da imagem se modificaram em um espaço de tempo relativamente curto. Olhar hoje para Pacific é também refletir sobre todas essas mudanças. Sociais, imagéticas e econômicas. Um documento do seu tempo realizado através da cessão de imagens que hoje, teriam se transformado em dados.

- Filma isso aqui, ó, sem preço. Tudo sem preço.

- Tudo isso aqui nós podemos usufruir.

Por volta dos 14 minutos do filme, uma família mostra para a câmera o cardápio do navio com diversas opções de bebidas e comidas inseridas no pacote pago antecipadamente. Tudo gratuito! A celebração gira em torno de dois elementos. Ao mesmo tempo em que os personagens celebram o ano que chega, pois comemorariam a virada de 2008 para 2009 no navio, celebram também o poder aquisitivo que possibilitou aquela experiência.

O filme questiona a ansiedade em torno da representação. O momento presente, de festivo e celebrativo, transforma-se também em trabalho. A representação adquire protagonismo diante da fruição do instante e a câmera torna-se um personagem com o qual os atores sociais se relacionam de maneiras que variam da serviência ao autoritarismo. Diante da câmera, por mais natural que se seja, há sempre uma performance e os personagens de Pacific atestam isso. O registro torna-se imperativo e justifica o lazer. Essa dicotomia entre trabalho e lazer é expressa na montagem. A mera fruição do ambiente e o relaxamento dos corpos não tem espaço no local. Os tripulantes estão em todos os momentos imersos por atividades e o descanso não parece fazer parte da viagem. Antes disso, eles devem aproveitar todos os momentos, registrar e consumir.

O tempo retratado em Pacific mostra a euforia com a qual o então recém adquirido aumento do poder de compra é recebido pela população brasileira. Famílias de classe média começaram a poder pagar por viagens que eram, até então, privilégio das classes mais abastadas do país. E os personagens celebram o acesso a um mercado de consumo que se iniciava no Brasil. Algumas questões éticas se impõem na montagem, pois em vários momentos pode-se afirmar que os personagens têm a sua euforia exposta de maneiras que podem soar ridículas a um público crítico.

O ano de 2008 não foi apenas o ano onde os personagens de Pacific puderam registrar a euforia de viver, pela primeira vez, a realização de um sonho de consumo. Foi também o período em que parte do mundo enfrentou uma grave crise no sistema bancário, afetando fortemente diversos países europeus e norte-americanos. O Brasil, então, usufruía de um significativo crescimento econômico e se estabelecia entre as economias emergentes de maior destaque a nível mundial. Em 2014, o país iria sediar a Copa do Mundo e o que devia ser coroado como um momento de glória, acabou se transformando no início de uma decadência financeira e política nacional da qual ainda estamos tentando nos recuperar.

Até os dias atuais, as divisões ideológicas estão gerando tensões que, naquele momento, não pensaríamos poderem voltar a ser tão extremas. O poder de compra da população foi afetado pela crise econômica iniciada no primeiro mandato da então presidente Dilma Rousseff e o país, que se mostrava economicamente promissor, entrou em uma crise que resultou em um golpe institucional orquestrado contra a presidente no início do seu segundo mandato; o que teria como consequência o crescimento da extrema-direita nos anos subsequentes. Junto a isso, acompanhamos, no presente, uma crise climática global que coloca em risco os pontos turísticos filmados em Pacific e suas atrações.

O Brasil, que aparecia como uma grande promessa, viu todo aquele otimismo naufragar. O mundo se transformou desde aquele momento, mas a produção de imagens só cresceu desde então.

- Fala Ronald! Ronald Melo! Como não podia deixar de ser, a entrevista da chegada!

- Estamos acabando de chegar no continente.

- No continente.

- Continente mesmo? Estamos no litoral. Terra firme!

Em Pacific, o trabalho do diretor começa e termina na mesa de edição. Os personagens não lhe são de nenhuma maneira próximos e sua ausência no local de captação das imagens pode ser vista como uma forma de gerar uma certa objetividade na obra.

Pacific apresenta convergência com a estilística do *found footage*, regime estético caracterizado pela realização de filmes a partir de imagens preexistentes. Na obra, Pedroso busca, através da montagem “provocar uma consciência própria e visão crítica da representação cinematográfica” (Wees, 1993, p. 40). Apesar das convergências, se diferencia também em pontos essenciais ao estilo, pois trabalha com imagens apropriadas e não materiais encontrados, como pressupõe o *found footage*.

Ao montar o material, o diretor utiliza a performatividade dos personagens em todo o seu potencial narrativo. Diante das câmeras, eles criam personalidades projetadas para o exterior. Dessa maneira, fornecem ao diretor um material que, antes de calcado na espontaneidade, é atravessado por uma consciência da performance construída para que

outros a vejam. Assim, percebemos que independente da presença ou não de um diretor profissional atrás das câmeras, o dispositivo gera comportamentos e padrões por si mesmo.

Sequiosos de “publicidade” e operando na indeterminação entre público e privado, ficção e documentário, pessoa e personagem, autenticidade e encenação, lazer e trabalho, vida e performance, uma série de dispositivos comunicacionais e audiovisuais contemporâneos, das redes sociais aos reality shows, do cinema à arte contemporânea, trabalham na chave não da “invasão de privacidade”, mas de sua evasão (Feldman, 2012, p. 12).

A encenação diante da câmera por parte dos personagens tem a intenção de criar uma representação maior do que o cotidiano, performatizando a experiência, torna-se presente a partir do momento em que os indivíduos optam por filmarem a si mesmos, documentando os momentos de exceção representados pelas férias. Durante o filme, podemos perceber momentos de diálogo dos personagens com a câmera e de direcionamentos de cena orquestradas tanto pelos atores sociais, quanto pelos manipuladores dos aparelhos. Um exemplo desse tipo de diálogo está presente na sequência em que um dos personagens registra a “Cerimônia do primeiro copo de cerveja”, iniciada aproximadamente aos 18 minutos do filme. Ali, o personagem interpreta o ato de tomar a primeira cerveja no navio para a câmera e demonstra conhecimento das possibilidades de manipulação inerentes ao aparelho, se afirmando como sujeito ativo de uma história contada através do dispositivo.

Na cena analisada, o personagem inicia a sequência afirmando que aquela ação deve ser registrada, pois se trata do momento em que a primeira cerveja será ingerida por ele dentro do navio. Guiando a cena, ele transforma um ato banal em algo digno não apenas de registro, mas de atuação. Ao dirigir a si mesmo e à pessoa que o filma, ele chama a câmera para que lhe acompanhe, sugere *closes* nos objetos que estão sendo por ele narrados e conclui a cena tomando o copo de cerveja. Essa sequência personifica uma euforia dada pela ascensão de classes, pela inclusão através do consumo. Aquilo deve ser registrado, pois não trata-se apenas da ingestão de álcool, mas representa em si a celebração daqueles que se encontram longe do ordinário. A parte essencial da gramática cinematográfica mostra-se claramente através da auto-direção gerida pelo personagem, que oferece a Pedroso imagens praticamente prontas para serem transpostas para o cinema. Ao articular as mesmas através da montagem, um discurso fílmico é gerado. Além do direcionamento da câmera, um título nos é oferecido.

Ao se apropriar de tais imagens e montá-las em Pacific, o diretor deixa clara a subjetividade e consciência do aparato por parte dos personagens, sem tentar esconder o fato ancorado em uma pretensa neutralidade presente no momento da filmagem. Optando por tal recurso, ele quebra com a ideia de um poder central focado no diretor, porém mantém a sua influência durante a edição das imagens, seu ordenamento e escolha das sequências.

A utilização de arquivos amadores também reflete as possibilidades de subjetividade na produção, pois arquivos não dotados de valor, originalidade e validade dentro de uma perspectiva histórica e mercadológica, passam a fazer parte da fruição coletiva através do cinema. E hoje, podemos afirmar que tornaram-se também documentos. Cabe também observar que como documento, adquiriram valor. Em 2008, os debates acerca da democratização da informação encontravam ainda um campo frutífero. Os arquivos estavam sendo abertos, enquanto hoje uma lógica proprietária se expande pelo mundo, posto que esses antigos dejetos descartáveis adquiriram um valor nostálgico já assimilado pela ótica dominante.

Assim, percebemos o surgimento (ou mesmo a reafirmação) de uma nova ordem sensível e o aparecimento de outras fontes de fruição e sentido dentro de imagens que, em um primeiro momento, apresentariam significados diversos dos discutidos nesta análise. Para Patricia Zimmermann (2008, p. 277), os filmes amadores deveriam ser observados enquanto formações históricas e não como objetos reificados. De acordo com essa perspectiva, tais sequências devem ser inseridas em um contexto e não isoladas das demais e do seu momento histórico para que a sua real contribuição seja absorvida.

O que vemos, nas imagens que compõem o filme, são processos performativos individuais ancorados na tecnologia vigente em sua época de produção. Não vemos apenas subjetividades registradas pela câmera, mas ações criadas por e para esse aparato. Com o passar do tempo, vemos também uma celebração que não mais nos cabe. O documento, então, transforma-se diante do tempo.

Segundo Andreas Huyssen: “Novas tecnologias de transporte e comunicação sempre transformaram a percepção humana de tempo e espaço na modernidade” (Huyssen, 2004, p. 28). Essas percepções levam em conta, nas imagens apropriadas para a realização de Pacific, a necessidade de registro como imperativo do lazer. A função da fotografia como prova e registro continua a ser válida nesse contexto, que necessita das filmagens para lembrar

muitos dos momentos vividos não mais em torno da fruição das férias: mas da possibilidade de acesso tecnológico às lembranças, que acarretará na sua rememoração, tornando-se tão ou mais importante do que o momento experienciado. Sem o registro, o momento parece não ter acontecido.

Cada vez mais, formas de captação imagética digitais são desenvolvidas e o acesso aos aparelhos é ampliado, tornando a ação do registro banal e inserida no cotidiano. Além disso, a manipulação da máquina torna-se gradativamente mais simples, aumentando as possibilidades de captação imagética. Tal ação, antes destinada a pequenos setores da sociedade, detentores de capital e saber técnico, ao mesmo tempo em que possibilita o registro de momentos marcados pela banalidade extrema do cotidiano, democratiza as possibilidades de expressão e de transmissão de impressões individuais acerca do mundo.

Pacific torna possível o acesso a imagens sem valor material e estratégico de uma forma organizada, documentada e não tão rapidamente perecível como as que observamos nas redes sociais. Hoje, como compartilhar a cena da cerveja quando temos poucos segundos para chamar atenção para uma história? Que história pode ser contada, senão a do eu? Refletir sobre a banalidade daquelas imagens nos dias atuais me parece difícil, pois elas ganharam poder e autoria. Elas hoje têm nome e gerariam conflitos ainda não vistos naquele momento.

Ao comparar passado e presente, um aspecto continua crescendo na mesma direção: a imagem continua a ser produzida em excesso, a ponto de ter-se tornado a forma de comunicação mais disseminada atualmente.

- A gente tá voltando agora pro navio depois do nosso primeiro dia em Noronha. Foi muito legal! Agora o pessoal já deve tá lá preparando o réveillon. A gente vai chegar, se arrumar, jantar e ir pra festa.

Corta

- 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1! Feliz ano novo!

- Adeus ano velho, feliz ano novo. Que tudo se realize, no ano que vai nascer. Muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender.

Após alguns momentos de celebração, onde os passageiros se despedem não apenas do ano que passa, mas do estado de exceção no qual se encontravam inseridos, um corte seco interrompe o êxtase gerado pelo champanhe em excesso disponível nas taças de plástico. O diretor se faz presente e termina a festa sem ao menos permitir que o refrão seja, mais uma vez, entoado até o final. Ele cala as projeções. As esperanças em torno do ano que está por vir. Os personagens não terão mais um dia completo em Noronha. Sem novas imagens, o trabalho está terminado. Foi feito. O que ontem foi festa, se transforma, no hoje, em ressaca.

Referências

FELDMAN, Ilana. Do declínio da intimidade aos novos regimes de visibilidade. Em: ANTÔNIO, André. **Pacific - Textos para debate. Material pedagógico desenvolvido na distribuição do filme.** Recife: FUNCULTURA, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/4020550/Material_Pedag%C3%B3gico_Pacific

HUYSEN, Andreas. **Urban Palimpsests and the Politics of Memory.** California: Stanford University, 2004.

WEES, William C. Recycled Images. **The Art and Politics of Found Footage Films.** Anthology Film Archives: New York City, 1993.

ZIMMERMANN, Patricia R. Morphing History into Histories: From Amateur Film to the Archive of the Future. In: ZIMMERMANN, Patricia R, ISHIZUKA, Karen L. (Orgs.): **Mining the Home Movie. Excavations in Histories and Memories.** Berkeley: University of California Press, 2008.

Filmografia

PACIFIC. Direção de Marcelo Pedroso. Pernambuco: Símio Filmes, 2009.

Recebido em 26/02/2024

Aceito em 29/05/2024